

A criança, o brincar e a interação entre pais e filhos

Ana Lucia Araújo Borges¹

Resumo

Considerando a ligação entre práticas educativas e comportamentos anti-sociais de crianças, este artigo analisou, por meio de observações e registros, quais seriam as interações de 22 crianças com seus pais em ambiente lúdico de um hospital público da cidade de Uberlândia/MG. Utilizando contribuições teóricas acerca da relevância do brincar, como forma de interação social, ressalta a importância da recuperação do brincar no universo dos adultos para que se promova o desenvolvimento infantil em sua plenitude.

Palavras-chave

Brinquedoteca. Interação social. Pais e filhos. Desenvolvimento infantil.

1. Especialista em Docência no Ensino Superior, mestre em Administração de Empresas pela Universidade Federal de Uberlândia. (UFU), técnica-administrativa da bibliotecas da UFU.

The child, the play and the relationship between parents and sons

Ana Lucia Araújo Borges*

Abstract

Considering the connection between educational practices and anti-social behavior of children, this article examined, by means of observations and records, which would be the interactions of 22 children with their parents in a recreational space of a public hospital at Uberlândia/MG. Using theoretical contributions about the relevance of playing as a form of social interaction, this article emphasizes the importance of getting back the joy of playing in the universe of adults in order to promote child development in its fullness.

Keywords

Recreational space. Social interaction. Parents and Children. Child Development.

* Specialized in Teaching in University, Master in Company Administration by Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Administration Technical of library of UFU.

Introdução

A correria é a notória característica do cotidiano atual e a sua principal conseqüência é a individualização nas relações sociais com o estremecimento do diálogo entre as pessoas. A começar pela família, na criação dos filhos, onde a falta de diálogo pode representar a porta para inúmeros conflitos. Educar e preparar os filhos para agir com responsabilidade no conturbado mundo de hoje é tarefa desafiadora para os pais, porém compensadora se a convivência e o relacionamento familiar forem constantes no processo de inserção da criança no universo coletivo.

É sabido que a interação entre pais e filhos, por meio do brincar e da brincadeira, é oportunidade ímpar de tecer conhecimentos, pois permite o repassar de experiências reconhecidas como senso comum e importantes como forma de mediatizar e acrescentar pontos de vista que merecem ser discutidos e que, muitas vezes, não são incluídos nos currículos escolares. Este é o foco de estudo do presente trabalho, com ênfase para o compromisso da participação efetiva dos pais na educação dos filhos, por meio do compartilhar de experiências lúdicas.

Em sua dimensão política, o lúdico acrescenta discussões à educação infantil principalmente quando se busca uma educação pública de qualidade. Todavia, vale ressaltar que a escola não é a única responsável pela formação educacional das crianças. Os pais podem e devem transformar infâncias solitárias e tristes em perspectiva de esperança e inclusão social.

Os pais precisam aliar-se ao grupo, que há vários anos procura discutir as causas dos altos índices de crianças com comportamentos sociais inadequados à vida coletiva e que têm chamado a atenção não apenas de estudiosos no assunto, como também de diversos segmentos da sociedade civil. Um destes estudiosos é Rosseau (1978), que apresentou estudos, por meio da reflexão chamando a atenção sobre o tema:

os deveres para com outrem não lhe são

unicamente ditados pelas lições tardias de sabedoria, e enquanto resistir ao impulso interior natural da comiseração, jamais fará qualquer mal a um outro homem, nem mesmo a um ser sensível, exceto no caso legítimo em que, encontrando-se em jogo sua conservação, é obrigado a dar preferência a si mesmo (ROSSEAU, 1978).

Tal reflexão nos faz ter esperança na compaixão natural do ser humano e, assim, repensar sobre as possibilidades de reverter o quadro de competição e de indisciplinas, por meio de um tratamento prioritário às crianças. É necessário reservar a elas – as crianças – momentos, mesmo que sejam poucos, porém prazerosos e capazes de proporcionar reconhecimento, afeto e cumplicidade.

Algumas considerações teóricas

Peixoto (1996) propõe uma “reaprendizagem dos modos de olhar a partir da retomada de práticas esquecidas, comprometidas com outra experiência temporal e sensorial”. É na direção dessas reflexões que este trabalho se encaminha. Nossa proposta é mostrar a interação entre pais e filhos como meio de prevenção e/ou remediação de problemas de comportamento que afetam a formação humana, muitas vezes, provenientes da ausência de uma complementação vinda do lar e/ou da educação pública. Aliás, nesta prevenção de problemas, cabe à educação pública escolher entre oprimir ou libertar, mas o que temos visto é prevalecer sempre a primeira opção.

Pesquisas têm mostrado a relevância das interações sociais, em específico, as decorrentes das relações entre adulto e criança no desenvolvimento infantil e suas relações com a subjetividade e com o comportamento humano (OLIVEIRA, 1995; PINO, 1993; VYGOTSKY, 1984). Desde o nascimento, a criança já internaliza significações de seu universo cultural e historicamente produzido. Vygotsky (1988), em sua teoria da gênese e desenvolvimento do

psiquismo humano, destacou que o sujeito não se apropria da realidade em si, mas do significado desta realidade para com os sujeitos, com os quais mantêm convívio social. Desse modo, a apropriação das significações se processa de forma ativa e indireta, por meio do compartilhar de significados construídos socialmente e acrescentados às experiências pessoais. Conforme também comentou Dewey:

O meio ou ambiente é formado pelas condições, quaisquer que sejam em interação com as necessidades, desejos, propósitos e aptidões de criar a experiência em curso. Mesmo quando a pessoa imagina castelos no ar, está em interação com os objetos que sua fantasia constrói (DEWEY, 1979, p. 36-37).

Partindo destes pressupostos, entendemos que educar e permitir o desenvolvimento da criança significa reconhecer o vínculo direto e imediato entre ela e o brincar, introduzindo brincadeiras com a participação de adultos.

Mais importante que os adultos sejam pessoas que saibam jogar, é fundamental que se recupere o lúdico no universo adulto. “Saber jogar” é mais do que mostrar algumas brincadeiras e jogos às crianças, é sentir prazer no jogo [...]. Se é difícil encontrar hoje adultos privilegiados nesta convivência com o lúdico, mais difícil ainda imaginá-los entre os educadores (ANDRADE, 1994, p. 97).

Neste sentido, é necessária a conscientização, por parte dos pais, sobre os grandes benefícios adquiridos por esta nova forma de viver em consonância com a criatividade e alegria espontânea, capazes de estreitar laços com os filhos em relações solidárias e de igualdade. É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o seu eu – ou Self (WINNICOTT, 1975, p. 80).

Método

Este estudo se classifica como qualitativo, descritivo e enquanto estratégia de pesquisa, utilizou-se a observação.

O cenário escolhido foi uma brinquedoteca de um hospital público da cidade de Uberlândia/MG, composta por uma área livre com parque infantil; sala de recreação com uma excelente biblioteca e videoteca logo na entrada, além de diferentes tipos de brinquedos, como videogame, karaokê, computador, TV a cabo, brinquedos eletrônicos, jogos, recursos para música e teatro, recursos pedagógicos como massas de modelar, gravuras, tintas e papéis.

A instituição atende, em sua maioria, a um público de baixo nível socioeconômico. Foram observadas 22 crianças: 12 meninas e 10 meninos, com idade entre três e dez anos, escolhidas por estar acompanhadas por um dos seus genitores e fazer parte de um grupo de pacientes que, freqüentemente, utilizam o hospital. O estudo em questão teve duração de oito meses. Para cada criança havia uma folha de registro, na qual, durante o tempo de permanência no local, anotavam-se quais os brinquedos e/ou brincadeiras escolhidos e a participação dos genitores no brincar.

Foram observados os estados interacionais das crianças, utilizando-se a classificação proposta por Parten (1932):

Desocupado: quando a criança, aparentemente, está “fazendo nada”; geralmente ocupa-se em olhar outras crianças brincando.

Solitário: quando a criança brinca sozinha e independentemente, tomando distância ou não fazendo nenhum esforço de aproximação de outra criança ou do adulto.

Paralelo: quando a criança brinca independentemente, porém com atividades relacionadas às das outras crianças. Não há intenção de influenciar a brincadeira das outras crianças. Elas brincam, então, lado a lado, e não com as outras crianças.

Associativo: quando a criança brinca

com outras crianças, conversando sobre temas comuns da atividade e trocando brinquedos. Não há subordinação de interesses e cada criança participa do grupo segundo seus interesses e desejos.

Cooperativo: quando a criança assume um comportamento de ajuda ao outro, a partir de um estímulo de assistência ou pela possibilidade de se obter alguma recompensa. Assim, este estado interacional é dependente da habilidade de uma criança em compreender o ponto de vista de outra criança ou adulto, exigindo para tal um certo nível de maturidade ou influência pedagógica.

Resultados e discussão

Os resultados provenientes de análises quantitativas, utilizando-se a frequência dos tipos de interações (PARTEN, 1932) relacionados com os tipos de brinquedos ou brincadeiras, surpreenderam ao mostrar o alto nível da Interação Solitária, caracterizada pelo brincar sozinho, ou seja, a criança brinca totalmente independente de outras crianças e de adultos, não havendo nenhum esforço de aproximação com o outro. Em alguns momentos ocorria interação baseada, geralmente, em sanar alguma pequena dúvida no manusear do brinquedo com algum brincadista.

Os participantes, em nenhum momento da observação, dirigiram-se à área livre, apesar de o tempo ter permanecido em condição favorável. Logo na entrada da sala de recreação, as crianças já se dirigiam preferencialmente para o videogame; caso este estivesse ocupado, preferiam a imagem televisiva a cabo ou o computador, e ali permaneciam como que hipnotizados durante todo o tempo.

Os genitores, sempre ao entrar, já se encaminhavam para os assentos localizados ao centro da sala de recreação e, se havia algum outro genitor aguardando, ficavam conversando durante o tempo de espera, mas a maioria preferia leituras de obras periódicas e, em algu-

mas poucas vezes, lançavam olhares para seus pequenos.

Apesar do baixo nível socioeconômico, todos os envolvidos demonstravam afinidade com os diversos tipos de brinquedos, já que haviam freqüentado o local em outras ocasiões. Foi observado também o papel ativo das crianças em iniciar e manter brincadeiras duradouras e, basicamente, sem a intervenção direta de um adulto.

Impressionou-nos a prevalência do ato solitário ao brincar e a permanência, quase sempre, como espectadores, sem possibilidades concretas na construção de conhecimentos sobre as práticas sociais e suas representações. Analisamos este comportamento como resposta ao mundo contemporâneo, que apresenta um bombardeio de anúncios em uma espécie de guerra mercadológica para a venda de brinquedos industrializados, com os quais a criança não precisa de companheiros para brincar. E, entre os adultos, existe a crença de que oferecendo esse tipo de entretenimento, as crianças serão favorecidas, já que permanecem horas e horas comportadas.

Exemplo disto é o uso da televisão como forma de ocupar o tempo da criança. Sobre esta vertente, Peixoto (1996) reflete:

A televisão contrapõe-se radicalmente à contemplação. Em primeiro lugar porque na TV a imagem passa por frações de segundo, sem exigir do observador a distância que convencionalmente requer um quadro ou uma paisagem. Assistimos a TV com uma atenção dispersa, sem concentração, apenas deixando que aquele fluxo ininterrupto nos atravesse (PEIXOTO, 1996, p. 180).

Sabe-se que neste aspecto estão envolvidos fatores que dizem respeito à proposta pedagógica, ao comportamento dos pais, aos aspectos culturais da região ou país. No entanto, é oportuno lembrar que, se a televisão encanta as crianças, também não deve ofuscar-lhes os

encontros positivos com a prática do brincar que são responsáveis por gerar processos de criatividade, transmissão de cultura e formação humana. Sendo assim, não basta educar coibindo o entretenimento com a TV, mas tendo o cuidado para que o contato humano não fique prejudicado. Caso contrário, a onda eletrônica provocará o vazio e o silêncio em detrimento de atividades simples, porém ricas de sentido nas relações, como relata Wenders (1994):

O que é pequeno desaparece. Em nossa época, só o que é grande parece sobreviver. As pequenas coisas modestas desaparecem, bem como as pequenas imagens modestas ou os pequenos filmes modestos. E mais ainda, muitas vezes os pais esquecem de coisas simples e valiosas como a prática do brincar (WENDERS, 1994, p. 184).

Consideramos o cenário escolhido para a pesquisa como cheio de magia e de oportunidades para pais e filhos se interagirem. Em um primeiro momento, por ser um local em que os pais estão livres de obrigações, restando apenas esperar o “tempo passar” até que suas crianças sejam liberadas. Sendo assim, por que não aproveitar este tempo ocioso para dedicar-se ao brincar?

Tantas oportunidades são desperdiçadas como, por exemplo, a viagem pela leitura de um livro lido a dois, as fantasias oriundas dos fantoches, os aprendizados, as construções e reconstruções com massas de modelar, tintas e papéis. Além de troca de percepções de filmes assistidos juntos; os contatos e experiências incríveis com os animais e com a natureza. Juntos, pais e filhos poderiam explorar o recriar objetos como, por exemplo, transformar uma pedra em brinquedo; as conversas; os diálogos; as histórias e contos, além da fala, a alegria, os risos, as representações, o sentimento de pertencer e de aprender a conviver e compartilhar conhecimentos e descobertas.

Sobre a interação criança-adulto

Não é preciso lembrar que as crianças brincam com mais facilidade quando a outra pessoa que se prontifica a brincar pode e está livre para ser brincalhona. O que é preciso lembrar é que brincar com a criança é diferente de ser a criança. E é isso que inibe alguns pais: eles até querem brincar, mas não foram educados para isso e têm algum tipo de receio ou vergonha.

A criança sabe bem quem é quem e espera do adulto o mesmo, ou seja, ela sabe que é criança e que o adulto é adulto. No entanto, ela se diverte em testar a transgressão desses papéis. Praticamente acaba a brincadeira quando o adulto tenta divertir-se como se fosse criança.

Com base neste raciocínio, a nossa proposta é que se repense a interação da criança com seus pais através da recuperação do brincar no adulto. Para tanto, os pais têm que contribuir para a brincadeira sem medo de ser um estragaprazeres para os filhos. Como? Aqui cabe uma reflexão sobre o papel da educação envolvendo pais e filhos em ambientes lúdicos da rede pública (como é o caso do hospital pesquisado). O governo, por exemplo, deveria subsidiar projetos neste sentido. Projetos e ações com o objetivo de ensinar os pais a regredir à sua infância e retornar à vida adulta enquanto se relaciona com a criança que tem diante e dentro de si, sem romper a magia que sustenta a brincadeira, mostrando interesse pelos feitos e gestos da criança, encorajando-a a ser ela mesma.

A Declaração dos Direitos da Criança, em seu Art. 7º, defende o direito de brincar. A sociedade e o poder público devem esforçar-se para favorecer o exercício pleno desse direito. E se a criança precisa dos pais e se os pais querem o melhor para seus filhos, o direito de brincar deve ser assegurado a todos os cidadãos durante toda sua vida.

Considerações finais

Este estudo defendeu que o brincar é essencial ao desenvolvimento da criança e que a prática lúdica é valiosa alternativa na interação entre pais e filhos, em qualquer ambiente, seja dentro do lar, da escola, ou em situação específica tal como foi o ambiente hospitalar utilizado para esta pesquisa.

Se por um lado entendemos que é possível a interação entre pais e filhos por meio de atividades lúdicas, por outro, esta pesquisa impressiona-nos pelo alto número de in-

terações solitárias, apesar das significativas oportunidades de interações. Esta constatação suscita a necessidade de a sociedade refletir sobre as razões que levam a criança atual a querer “ser sozinha”, mesmo na hora da brincadeira.

Acreditamos que está no momento dessa reflexão começar pelos pais – já que a participação do adulto na brincadeira eleva o nível de interesse da criança –, e depois passar pela responsabilidade do Estado que pode implantar políticas que possibilitem a criança descobrir e viver experiências que tornam o brinquedo o recurso mais estimulante e mais rico em aprendizado.

Referências

ANDRADE, CYRCE M. R. J. Vamos dar a meia-volta e meia volta vamos dar: o brincar na creche. In: OLIVEIRA, Zilma de M. R. (org.). **Educação infantil: muitos olhares**. São Paulo: Cortez, 1994.

DEWEY, John. **Democracia e educação: introdução à filosofia da educação**. São Paulo: Nacional, 1979.

OLIVEIRA, Z. M. R. **A criança se seu desenvolvimento: perspectivas para se discutir a educação infantil**. São Paulo: Cortez, 1995.

PARTEN, M. B. Social Participation among preschool children. **Journal of Abnormal and Social Psychology**. n. 27, 243-69, 1932.

PEIXOTO, N. B. **Paisagens urbanas**. São Paulo: SENAC/MARCA D'Água, 1996.

PINO, A. **Processos de significação e constituição do sujeito**. Temas em Psicologia. 17-24, 1993.

ROSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Coleção: Os pensadores).

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____ et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone/Edusp, 1988.

WENDERS, W. A. A paisagem urbana. **Revista do Patrimônio Histórico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 23, 1994.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago 1975. (Coleção Psicologia Psicanalítica).